

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PRESENTE NA PROPOSTA EDUCATIVA DO ESPAÇO CULTURAL VILA ESPERANÇA E SUA PRÁTICA NO COTIDIANO DA ESCOLA PLURICULTURAL ODÉ KAYODÊ

Emicléia Alves Pinheiro¹

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar a pesquisa em andamento que discute como o trabalho envolvendo a educação patrimonial tem sido realizado na Escola Pluricultural Odé kayodê, uma escola que foi gerada e é gerida pelo Espaço Cultural Vila Esperança, localizado na periferia da Cidade de Goiás e que traz na sua identidade institucional objetivo central de valorização, reconhecimento e preservação das culturas. O Patrimônio e as concepções de preservação será abordado a partir de assimilações críticas, numa contextualização não hegemônica, correlacionando noções de cultura, memória e diversidades..

Palavras-chave: Educação Patrimonial , Diversidades , Ancestralidade.

INTRODUÇÃO

Este estudo considera a importância de se conseguir cada vez mais incorporar a educação patrimonial nos currículos das escolas regulares como forma potencialmente inquestionável de proporcionar um processo educativo que zele pela memória, favoreça a preservação patrimonial e sobretudo reconheça a importância e potência de propostas educativas que consigam significativamente incidir nos processos indenitários do indivíduo e do grupo social que está inserido e neste sentido o Ensino de História pode ser porta de entrada e também possibilidade de um percurso.

Neste sentido, a pesquisa está sendo movida pelo o objetivo Identificar, sistematizar e fundamentar sob a ótica da Educação Patrimonial as práticas educativas relacionadas à identidade, memória e ancestralidade desenvolvidas na Escola Pluricultural Odé kayodê, sobretudo no que incide sobre o currículo do ensino de História e de forma que possa servir de inspiração para outras instituições educativas.

Geograficamente a Escola Pluricultural Odé kayodê se localiza em uma linha limítrofe

¹ Graduada em pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, especialista em Docência Universitária e Psicopedagogia pela mesma universidade, atua como colaboradora na Coordenadora Geral na Escola Pluricultural Odé kayodê e pedagoga no IFG Campus Cidade de Goiás. Aluna especial na disciplina História do Brasil e Patrimônio no programa PROMEP - UEG. Membro do Grupo de pesquisa Didaktikê da UFG. E-mail: emicleiamicky@gmail.com

do que é considerado centro e periferia da Cidade de Goiás e abriga no seu quintal de fundo a passagem do Rio Vermelho. Essa localização traz também muito significado para a postura e presença do Espaço Cultural Vila Esperança na cidade; se revelando sempre e cada vez mais como um espaço que se dedica a promover o encontro e convivência respeitosa da diversidade sociocultural, religiosa e ambiental. Vale ressaltar que estando a margem do Rio Vermelho, a escola pode observar em lócus, como ele se constitui em um valor cultural que é passado de “geração em geração, tornando-se um tríplice lugar de memória: material, simbólico e funcional. Exemplar nesse sentido são as lendas e histórias em torno de sua existência” (BRITO, 2014, p. 992).

Pretende-se com este estudo conseguir identificar: em que medida a proposta educativa apresentada no PPP da Odé Kayodê e vivenciada nos projetos que desenvolve (principalmente o intitulado Ancestralidade) traz práticas de educação patrimonial? É possível mapear essas práticas e de forma sistematizada e instrutiva tê-las como possibilidades de serem replicadas em outras instituições educativas? Para responder a esses questionamentos está sendo utilizado um caminho metodológico ancorado em uma pesquisa bibliográfica que dará suporte, posteriormente a análises qualitativas, o que também a configura como um estudo de caso.

Para a concepção de Ancestralidade que referencia este estudo o conceito de ancestralidade não se fixa em uma era histórica, tão pouco se limita à um modo antigo de produzir filosofia ou mesmo se limita a pessoas, mas sim se fundamentará como um modo de percepção holística africana e indígena que de forma convergente compreende o fio da vida como contínuo e sem rupturas, que ao conceber o ‘futuro como algo ancestral’ reconhece a cultura como o seu movimento, conforme define Ribeiro,

Ancestralidade não pode ser definida apenas como uma árvore genealógica, está muito além disso, ela percorre a linha sanguínea do tempo e firma-se na existência. Ela é uma forma respeitosa de honrar e (re)lembrar dos nossos antepassados. Para as pessoas pretas a ancestralidade é a chave que abre os portais de sua realidade histórica, filosófica, linguística e culturalmente para um projeto de povo. Ancestralidade é mais que uma reflexão, ancestralidade é um princípio filosófico que rompe os muros da academia e chega até a cadeira de sua avó ou de seu avô como voz de sabedoria que conta através de suas oralituras – leituras de oralidade – a compreensão da sua existência. (RIBEIRO, 2020¹)

Considerando que a história da Cidade de Goiás é marcada por uma trajetória e práticas preservacionistas marcadas por um modelo colonialista e eurocêntrico, a existência da Escola Pluricultural Odé Kayodê testemunha possibilidades e desafios da adoção de uma Educação Patrimonial pautada pela perspectiva da decolonialidade, onde a prática diária da proposta educativa se nutre na diversidade e se fortalece no respeito e reconhecimento de uma

ancestralidade que deve referenciar-se numa matriz indígena e africana como basilares para a constituição do povo brasileiro.

Focada na valorização das origens do povo brasileiro, com ênfase nas matrizes africanas e indígenas são promovidas atividades cotidianas que visam contribuir para educação patrimonial e que proporciona o encontro das pessoas, devolvendo-as a si mesmas, e as legitimando como agentes culturais de sua própria identidade. Uma escola, dentro de um Espaço Cultural que se apresenta como lugar de vivenciar, resgatar, ressignificar, cultivar e valorizar a cultura como bem vivo que nos constitui enquanto seres social e histórico. Um lugar onde o centro da roda é ocupado por culturas marginalizadas, espaço –tempo que reconhece a matriz do povo brasileiro como indígena e africana e que nas vivências propostas busca-se alargar a história, considerando as tantas outras vozes que ecoam na trajetória de constituição do povo brasileiro.

É uma pesquisa que se justifica pela já sabida necessidade e importância de conseguir cada vez mais incorporar a educação patrimonial nos currículos das escolas regulares como forma potencialmente inquestionável de proporcionar um processo educativo que zele pela memória, favoreça a preservação patrimonial e sobretudo reconheça a importância e potência de propostas educativas que consigam significativamente incidir nos processos identitários do indivíduo e do grupo social no qual está inserido. Uma vez que, ela se configura enquanto uma:

[...] construção coletiva e democrática do conhecimento e a participação efetiva dos diferentes atores nos processos de apropriação do patrimônio cultural (considerando tantos os agentes institucionais como os detentores das respectivas referências culturais) é trabalhar sob o ponto de vista da ecologia dos saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos. Configura, também, reconhecer que o patrimônio cultural é produto das relações sociais e dos significados que os indivíduos lhes atribuem. Por esse caminho, quebram-se as linhas abissais que construímos, muitas vezes institucionalmente, entre os supostamente detentores do saber(-poder), que falam em nome do Estado e dos institutos de patrimônio, e as comunidades que precisam ser “conscientizadas” acerca da preservação de um dado patrimônio, ao mesmo tempo fetichizado e alheio ao indivíduo, no qual muitas vezes os grupos sociais com os quais estamos lidando não se veem representados. (TOLENTINO, 2018, p. 56)

Assim, considerando que a história da Cidade de Goiás é marcada por uma trajetória e práticas preservacionistas, a partir de um modelo colonialista e eurocêntrico, a proposta da Escola Pluricultural *Odé Kayodê* expõe possibilidades e desafios da adoção da Educação Patrimonial pautada pela perspectiva da decolonialidade, na qual a prática educativa diária nutre na diversidade e se fortalece no respeito e reconhecimento de uma ancestralidade que deve referenciar-se numa matriz indígena e africana como basilares para a constituição de povo brasileiro, pois:



O projeto da escola depende, sobretudo da ousadia de seus agentes, da ousadia de cada escola em assumir-se com tal, com a cara que tem e que deseja ter, com seu cotidiano, o seu tempo espaço. Constrói-se de forma interdisciplinar. (...) o projeto pedagógico pode ser considerado um momento importante de renovação da escola. Projetar significa "lançar-se para frente", antever um futuro diferente do presente (GADOTTI, 2004, p.579)

Em consonância com as considerações de Tolentino (2018) de que a educação patrimonial efetiva é dialógica, reflexiva e crítica, o desenvolvimento desta pesquisa contribui para a construção democrática do conhecimento e para a transformação da realidade, ao passo que concebe o patrimônio cultural como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos e que, nas práticas educativas, é levada em conta a sua dimensão social, política e simbólica

Assim, um dos maiores desafios postos para comunidade escolar deve ser um aprendizado político e organizacional, isto é, repensar a cultura escolar e a forma que ela está inserida no contexto. É preciso entender que a participação pode ser interpretada de diferentes formas, que a mesma se constitui em processos de aprendizagem, inclusive de mudanças culturais tendo em vista as novas demandas que a escola enfrenta no contexto de uma sociedade que se transforma e se democratiza. Isto exige novos olhares para a escola, pois se percebe que em alguns processos há apenas um pequeno envolvimento, pois a simples frequência em reuniões não garante o compartilhamento das informações e do poder e muitas vezes as decisões são centralizadas e o processo participativo é um mero mecanismo legitimador dessas decisões. (GRZYBOWSKI, 2018, n.p)

Nesse sentido, está pesquisa tem se revelado cada vez mais com fundamental importância por contribuir para o entendimento da influência da educação patrimonial como possibilidade efetiva para a mudança social, bem como para o avanço deste campo de pesquisa, pois:

[...] é preciso que a educação procure evitar a violação e desagregação do universo em que se desenvolve, gerando alienação e desajustamento cultural. Para isso é preciso que ela inicie o processo de aproximação à complexa cultura brasileira, de modo a manter à altura de criar processos de aprendizagem adequados a esta realidade. (MEC; SEC, 1981, p. 3)

Desse modo, estabelecer um diálogo entre as categorias e conceitos da área de educação com a perspectiva do patrimônio é de suma importância para a condução dessa pesquisa, cuja área de concentração é a Linha de pesquisa 2 - Educação Patrimonial e Gestão do Patrimônio – que acolhe pesquisas que contemplam processos educativos formais e não formais de educação patrimonial, assim como ações de formação e divulgação, Educação patrimonial e Gestão do Patrimônio. Nessa linha de pensamento, cabe destacar os postulados elaborados por CHUVA (2000), que evidencia a historicidade dos sentidos de patrimônio e, para isso, analisa concepções e práticas institucionais do patrimônio cultural e do folclore no Brasil, este estudo se apresenta pactuado com a mobilização de uma concepção integrada de patrimônio como



forma de explicitar sentidos e narrativas diversas, bem como provocar uma atitude decolonial em relação ao patrimônio; a saber, em suas próprias palavras:

Memória e patrimônio são trabalhos do presente, e a dimensão superlativa alcançada pelo campo é a maior evidência disso. Daí também nosso compromisso com a investigação em busca de caminhos transformadores e decoloniais por meio do patrimônio, capaz de construir pontes entre mundos, que (re)ligam histórias partidas, memórias silenciadas ou renegadas no presente. (CHUVA, 2000. p. 32)

Apresenta-se também como justificativa relevante desta pesquisa em andamento, ser uma forma de reconhecimento do Espaço Cultural Vila Esperança como bem cultural que há mais de 30 anos existe e resiste na cidade de Goiás como espaço de identificação e valorização das culturas indígenas e africana como matrizes do povo brasileiro, desenvolvendo práticas educativas que possibilitam vivências e ressignificação do legado que essas culturas nos concede.

METODOLOGIA

O estudo está sendo desenvolvido na Escola Pluricultural *Odé Kayodê*, do Espaço Cultural Vila Esperança, na cidade de Goiás, através de uma pesquisa que para além das fontes bibliográficas, vem sendo desenvolvida por meio de investigação de cunho qualitativo (SUASSUNA, 2018), objetivando obter dados reais sobre o tema a ser analisado.

Fenômenos qualitativos caracterizam-se por marcas como profundidade, plenitude, realização, o que aponta para sua perspectiva mais verticalizada do que horizontalizada. No contraponto, aparecem fenômenos que primam pela mera extensão, rotina, repetição, superficialidade, trivialidade. A qualidade aponta para o “melhor”, não para o “maior” (DEMO, 2005, p.146).

Para isso, o que se propõe é a avaliação do Projeto Político Pedagógico da Escola Pluricultural *Odé Kayodê*, de modo a constatar o enfoque e qual medida que está sendo dada à Educação Patrimonial e a análise dos projetos e práticas cotidianas, que se manifestam enquanto proposta de educação patrimonial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC**. Brasília, ago. 1981a. Arquivo Central do Iphan.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2008



XXII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Carta para Quintas**, equipe e companheiros. Campinas, 14 abr. 1983b. 17 f.

BRITTO, C. C. A terceira margem do patrimônio: o rio Vermelho e a configuração do habitus vilaboense. *Diálogos*, v. 18, n.3, p. 975-1004, set.-dez./2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33914/pdf> Acesso em 12 dez 2018.

CHUVA, Márcia. Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas. In: Alice Duarte (ed.), *Seminários DEP/FLUP*, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/ DCTP, 2020, pp. 16-35. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18305.pdf>

DEMO, P. **Metodologias da investigação em Educação**. Curitiba: Iboex, 2005.

FLORENCIO, Sônia Rampim; et al. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. 2 ed. Brasília: IPHAN/DAF/Cogedi/Ceduc, 2014.

GABARRON, L. R.; LANDA, L. H. O que é pesquisa participante? In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Org.). *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. *Autonomia da Escola*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

NORA, Pierre. Entre memórias e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: Acesso em 12 dez 2018.

_____. **Entre memória e História**. A problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, out. 2012. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992

SCIFONI, Simone. **Rede Paulista de Educação Patrimonial (Repep)**. *Aprender com Cultura e Extensão* – 2013. São Paulo, 2013.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. In: *Sillogés*, v. 1, jan /jul, 2018, p. 41-60. Disponível em: <http://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/12>

_____. (Org.). *Educação patrimonial: educação, memórias e identidades* / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)– João Pessoa: Iphan, 2013.

SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 341-377, jan./jun. 2008 Disponível em :< <http://www.perspectiva.ufsc.br> > Aceso em 09 nov 2018.